

## IX CONGRESSO BRASILEIRO DE DIREITO URBANÍSTICO GT 09 – DIREITO À CIDADES PLURAIS E SEM DISCRIMINAÇÃO

### TERRITÓRIOS NEGROS E AS NÃO-NARRATIVAS NA CIDADE: AÇÕES E POLÍTICAS EM VITÓRIA-ES

Maria Luiza de Barros Rodrigues<sup>1</sup>  
Andréa Curtiss Alvarenga<sup>2</sup>

#### 1 Introdução

A cidade de Vitória é uma das mais antigas capitais do Brasil, tendo marcada em sua história a diversidade cultural e de manifestações, a riqueza das paisagens e o potencial econômico, entretanto, não diferente de outras, é caracterizada por ser uma cidade que ainda encobre algumas marcas negras na construção do território, na ocupação e participação do mesmo. Nesse contexto, a população negra ainda aparece como agente secundário tanto na forma como seus espaços são por muitas vezes negligenciados nas políticas de valorização, quanto na posição que a mesma se encontra na cidade, pois segundo a síntese de indicadores sociais do IBGE (2010), mesmo sendo a maioria da população brasileira, é a que mais tem probabilidade de acesso às condições precárias de moradia e de vida.

Por esse viés, a cidade aparece como um lugar onde todos os cidadãos possuem os mesmos direitos constitucionais. No entanto, a intensa e rápida urbanização pela qual grande parte das cidades brasileiras passou, foi uma das principais questões sociais experienciadas no século XX. Diante disso, configurando-se como um mosaico de territórios, juntamente é analisada a experiência de sociabilidade negra nesse espaço. Frúgoli Junior (2010) destaca que no campo da sociabilidade da co-presença no espaço público, cabe destacar os desdobramentos, ao princípio construtivo das oscilações entre proximidade e distância, sobretudo quanto às formas de relações nesses espaços. Nessa perspectiva, fica evidente a necessidade de participação igualitária nas tomadas de decisões no que tangem a valorização e inclusão dos territórios negros, promovendo – ou minimamente buscando esse ideal - cidades mais democráticas e representativas. Acredita-se que a importância dessa retomada influi nas ações de planejar cidades, espaços, bem como em dinâmicas turísticas. Diante disso, o trabalho apresentado aborda de maneira geral para as políticas e ações que se voltam para a manutenção e valorização desses territórios na capital Vitória.

---

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista graduada pela Faculdade Brasileira-MULTIVIX Vitória e mestranda bolsista no Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo (PPGG-UFES). Email: marialuiza@email.com

<sup>2</sup> Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e mestre em arquitetura e urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora adjunta da Fundação São João Batista/ FAACZ- Faculdade Integradas de Aracruz. Professora adjunta da Faculdade Brasileira – MULTIVIX Vitória. Email: acurtiss.vix@gmail.com

## 2 A abordagem

Raffestin (1993) afirma que a produção do território se dá pelas relações de produção, conseqüentemente as relações de poder, do Estado ao indivíduo, através de malhas, nós e redes. Com a intenção de apenas delinear o que se denomina como um nó dessa rede - *territórios negros*, Rolnik (1989) o aborda como territórios específicos na cidade, que possuem história e tradição e que diante deles, é inerente tratar a segregação racial e a dominação branca nas sociedades. Ressalto a necessidade de não esgotamento do assunto e de um trabalho empírico mais profundo afim de discutir parte a parte desse grupo social. Aliado a isso, Rolnik (1989) enfatiza que esses territórios contam também com a construção de singularidades.

Congruentemente ao apresentado na introdução, a história da população negra na construção desses territórios ainda é deixada em plano inferior pelas narrativas hegemônicas que permearam a sociedade brasileira por séculos, diante disso, busca-se a retomada dessas que vêm na contramão desse poder pautado, e por esses fatores as *não-narrativas*.

Diante da extensa história da capital capixaba, de suas mudanças, reconstruções, crescimento, reconhecimentos e não reconhecimentos, Vitória guarda valiosas histórias, registros e lugares para os quais não são dados o total conhecimento e reconhecimento. Pode ser notado como fragmentos de uma cidade colônia, portuária e metrópole, que ainda vive às sombras dos outros estados da região Sudeste.

### 2.1 Ações afirmativas e políticas na cidade de Vitória

Em sua composição, Vitória possui lugares que pulsam cultura e preservam sua identidade e saberes, sendo exemplificado principalmente no Centro da capital - com os morros da Fonte Grande e Piedade, o Mucane (Museu Capixaba do Negro), Igreja Nossa Senhora do Rosário - Paneleiras de Goiabeiras e a orla sul, com as marisqueiras.

Em uma breve capitação sobre os territórios negros da capital, a Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos existe há mais de 240 anos, localizada no centro da cidade de Vitória, foi construída em uma área afastada do núcleo ocupado à época. Segundo Filho et al (2010), conhecida desde o início do século XVI, Nossa Senhora do Rosário foi a mais popular invocação de *Maria* entre os negros no período colonial, sendo considerada a protetora dos negros escravizados. Segundo IPHAN-ES, seu tombamento está escrito no livro de histórico de 24 de julho de 1946. Paralelamente, diante da carga pesada que foi a escravidão, os festejos apareceram como escape e partida de uma reinvenção do indivíduo negro no pertencimento e apropriação do território urbano, resistindo manifestações culturais reconhecidas até os dias atuais como as bandas de congo de Vitória e os festejos à São Benedito.

Em uma das únicas publicações públicas sobre a edificação, Filho et al (2010) ressalta que sua construção se deu especificamente por mão-de-obra negra e o cemitério construído ao lado da Igreja servia como garantia do enterro aos irmãos negros, uma vez que eles não eram aceitos em outras irmandades. Porém não é fácil o acesso de suplementos acerca dos indivíduos que fizeram

parte, muito menos a relevância dos mesmos na participação social para a configuração de cidade. Ou seja, nota-se a presença das não-narrativas da história que envolve o negro, sendo abstrusa a identidade que atravessa séculos de resistência nesse espaço.

A Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos é um dos únicos lugares de memória negra, que mesmo após embates e disputas públicas, continua ativo. Ainda assim, muitos elementos em torno de sua história vêm sendo resgatados por movimentos sociais atuantes no cenário local. Bem como acerca do Mucane – o Museu Capixaba do Negro “Verônica da Pas”, também localizado no centro da capital, em um casarão do século XX e ainda passa despercebido para turistas e moradores da Região Metropolitana da Grande Vitória. De acordo com Barbosa (2015), a invisibilidade do Museu não é pontual, visto que a história do Espírito Santo é marcada por uma forte tentativa das supremacias políticas em silenciar as marcas da população negra.

Dadas situações são penosas de aceitar, visto que, segundo o historiador Maciel (2016), a região central de Vitória era uma das três maiores áreas de concentração populacional escreva e, por conseguinte, de forte presença cultural negra.

Fato é que, recentemente, no último dia 13 de maio de 2017, coletivos independentes, instituições e espaços voltados para a questão racial, locados no Centro da Cidade, promoveram o I Circuito Afro do Centro Histórico (I Afro-Centrão), o qual buscou resgatar os espaços que em sua maioria não são incluídos nas políticas culturais e turísticas da cidade, além de propor a elaboração de uma nova memória acerca desta data, significativa de muita luta e resistência para a população negra do Brasil.

Outro fator gira em torno das religiões que possuem matriz africana e seus componentes e manifestações presentes no espaço público, que ainda enfrentam a intolerância secular da estigmatização social. Assim como no Rio de Janeiro, que segundo Corrêa (2012), são observadas estratégias específicas e territorialidades que são engendradas por meio de agenciamentos coletivos de demandas cujo o foco está na liberdade e garantia de políticas pública do direito de crença, o Fórum Capixaba de em Defesa da Liberdade e Diversidade Religiosa, desde 2010 busca por meio de ações dar voz à comunidade religiosa, em prol da tolerância e liberdade religiosa. Essas ações costumam acontecer próximas ao Píer de Iemanjá, em Camburi, Vitória, que é marcado pela significação e simbolismo para essa matriz. Aparece como mais um espaço onde as narrativas que se voltam à cultura afro-brasileira são passadas despercebidas tanto aos cidadãos, quanto ao circuito turístico local, principalmente diante da relegação na manutenção do lugar.

A Região Metropolitana da Grande Vitória possui considerável quantidade de terreiros de religiões afro-brasileiras. No estado do Espírito Santo não há registros de terreiros tombados, entretanto, sabe-se que uma casa de candomblé *Ketu*, localizada no sul do Estado, em Cachoeiro de Itapemirim, solicitou junto à Secretaria de Estado da Cultura – SECULT/ES, seu processo de reconhecimento como patrimônio histórico do Estado.

Diante de tais acontecimentos, percebe-se uma certa autonomia desses movimentos em relação às políticas do poder público, uma vez que, diante do significativo *esquecimento*, percebe-se a importância da luta pelo respeito e valorização desses elementos na constituição da cidade.

### 3 Considerações finais

Sendo o exposto uma parcela de conjunto maior, considero que nos últimos anos a sociedade moderna vive experiências de situações e lugares fragmentados. É possível observar como poder hegemônico ainda agrega os resquícios da supremacia branca em suas políticas urbanas e na cidade. A participação nas tomadas de decisão que envolvem as inúmeras questões acerca do devir urbano não aparece de forma igualitária e representativa, o que de certa forma influi nas políticas e direitos urbanísticos, de salvaguarda, entre outras.

Vale ressaltar que ao referir aos *territórios negros*, não se busca um ideal de manifestação, comunidade ou forma de organização baseado nessas referências, mas se indaga sobre os agrupamentos unos e os possíveis caminhos a serem traçados para uma verdadeira democracia racial em todas as esferas. Entendo aqui que é necessário o avanço nas reflexões e lutas no que diz respeito ao direito à cidade, envolvendo todas as camadas sociais e participantes das mesmas. Fiar em um urbanismo novo a partir dessas perspectivas é reconhecer a trama diversa da composição dos vetores e espaços passados sob a percepção de agentes observadores e criadores como arquitetos, urbanistas, geógrafos, advogados, etc. Dessa forma, é possível mostrar e perceber que as diferenças resistem no território, sendo necessária a sensibilidade em compreender a materialidade e imaterialidade que implicam no pensamento do planejar a cidade.

### 4 Bibliografia

- BARBOSA, Fernanda de Castro. **Memória e identidade no Espírito Santo**: um estudo a partir do Museu Capixaba do Negro. 2015. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.
- CORRÊA, Aureanice. O sagrado é divino, a religião é dos homens: territórios culturais e fronteiras simbólicas, a intolerância religiosa na contemporaneidade. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 31, p.1-14, jan/jul. 2012.
- FILHO, Pedro C. et al (Org.). **A Igreja Nossa Senhora do Rosário**. Vitória: Edufes, 2010. 64 p. (Vitória em monumentos).
- FRÚGOLI JUNIOR, Heitor. **Sociabilidade urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 70 p. (Passo a Passo).
- IBGE. Censo Demográfico 2010 – Características Gerais da População. IBGE, 2017.
- IPHAN-ES (Ed.). **Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Vitória**. 2016. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1360>>. Acesso em: 24 maio 2017.
- MACIEL, Cleber da Silva (Autor); OLIVEIRA, Osvaldo Martins (Org.). **Negros no Espírito Santo**. 2. ed. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016. 282 p. (Coleção Canaã).

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo (SP): Ática, 1993.

ROLNIK, Raquel. Territórios negros nas cidades brasileiras: etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro. **Estudos Afro-asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 17, p.1-17, set. 1989. Disponível em: <<https://raquelrolnik.wordpress.com/1989/09/16/territorios-negros-nas-cidades-brasileiras-2/>>.

Acesso em: 10 abr. 2017.